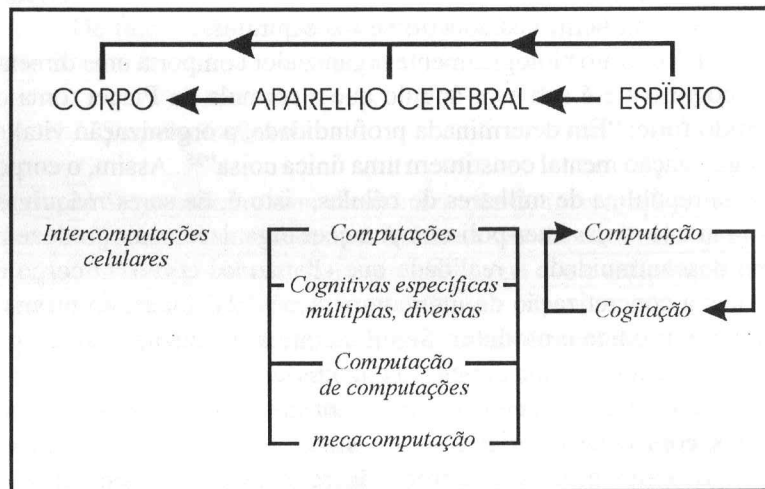


Como vimos também, a atividade cognitiva do cérebro animal pode ser considerada como uma megacomputação envolvendo, analisando e sintetizando computações de computações. A originalidade do aparelho neurocerebral do homem, em relação ao de seus predecessores, consiste em dispor de uma complexidade organizacional que lhe permite desenvolver e transformar as computações em "cogitações" ou pensamento, através da linguagem, do conceito e da lógica, o que exige um campo sociocultural. Em consequência, o cômputo torna-se cogito ao ter acesso à reflexividade do sujeito capaz de pensar o seu pensamento pensando-se a si mesmo, isto é, desde que alcança correlativamente a consciência do que sabe e a consciência de si mesmo. A linguagem e a idéia transformam a computação em cogitação. A consciência transforma o cômputo em cogito. A cogitação emerge da computação, mas sem que esta cesse. Os dois fenômenos são inseparáveis.



Assim, o espírito surge com a cogitação (pensamento) e com a consciência. O espírito é pois uma emergência, no sentido que definimos (*Méthode 1*, pp. 106-114), isto é, um complexo de propriedades e de qualidades que, originário de um fenômeno organizador, participa dessa organização e retroage sobre as condições que o produzem. O espírito é uma emergência própria do desenvolvimento

cerebral do *homo sapiens*, mas somente nas condições culturais de aprendizagem e de comunicação ligadas à linguagem humana; condições que só puderam surgir graças ao desenvolvimento cerebral/intelectual do *homo sapiens* ao longo dessa dialética multidimensional que foi a hominização. Assim, o espírito retroage sobre o conjunto das suas condições (cerebrais, sociais, culturais) de emergência desenvolvendo o que permite o seu desenvolvimento. Da mesma forma, a consciência retroage sobre as suas condições de formação, podendo eventualmente controlar ou dominar o que a produz, ou até mesmo estender o seu controle para além (como os já citados *yogis*, que controlam conscientemente os batimentos do próprio coração). Ora, isto só pode ser compreendido na medida em que se concebe: a) um todo organizador não redutível às partes que o constituem; b) a produção de qualidades emergentes aptas a retroagir sobre o que as produz; c) uma organização retroativa na qual o produto torna-se também produtor das atividades que o produzem; em contrário, o espírito é incapaz de compreender a sua realidade, a sua relativa autonomia e a sua própria atividade.

Alguns viram que o espírito é uma emergência do todo inter-neuronal (Bunge), emergindo a todo instante da atividade cerebral (Sperry). Mas é preciso considerar não somente o espírito como emergência, mas também ver os aspectos produtores/organizadores dentro do novo circuito retroativo

cérebro → espírito e cômputo → cogito.

O espírito é produto → produtor de cogitações e a partir disso o conjunto da unidualidade cérebro → espírito controla as partes e retroage sobre elas. Esse conjunto, não o esqueçamos, é ele mesmo uma parte altamente qualificada e diferenciada na atividade inter-poli-computante de todo ser; fabulosa república de milhares de células repartidas, parece, quase tanto no cérebro quanto no corpo. Assim, podemos começar a conceber o vínculo entre os fenômenos de auto-organização biofísica do ser corporal e as mais altas especulações do espírito. Está na computação que anima a atividade de cada célula, hepática, cardíaca ou nervosa; está na inter-poli-computação que garante as atividades organizadoras inter-policelulares; está nas emergências de emergências de emergências que originam, em cada